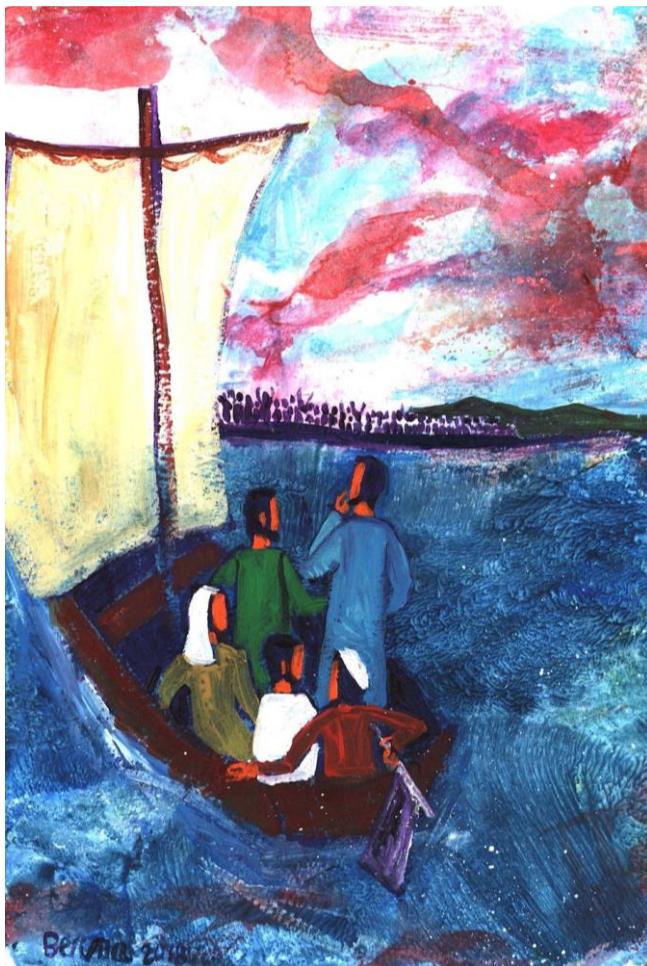


XVI DOMINGO COMUM B 2018



**«VINDE COMIGO PARA UM LUGAR ISOLADO
E DESCANSAI UM POUCO»!**

(Mc 6,31)

Entrada:

P. «*Vinde comigo para um lugar isolado e descansai um pouco*» (Mc 6,31)! É Cristo, o Bom Pastor, que se compadece de nós, seus discípulos missionários, e nos leva a descansar, nos conduz e nos prepara a mesa da abundância. Aqui reconforta a nossa alma. Vamos, na escuta da Sua palavra, e ao abrigo da Sua presença, celebrar o Domingo do nosso repouso, da nossa paz e da nossa alegria no Senhor!

Ato Penitencial:

P. Senhor, **porque derrubastes o muro da inimizade que separava os vossos filhos dispersos**, Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

P. Cristo, **porque na Cruz reconciliastes com o Pai todos os filhos de Deus dispersos**, Cristo, tende piedade de nós!

R. Cristo, tende piedade de nós!

P. Senhor, **porque nos trazeis a Boa Nova da Paz**, Senhor, tende piedade de nós!

R. Senhor, tende piedade de nós!

Hino do Glória

Oração coleta

Liturgia da Palavra

HOMILIA NO XVI DOMINGO COMUM B 2018

“Vinde comigo para um lugar isolado e descansai um pouco” (Mc 6,31)!

1. Não sei se era Verão, quando Jesus fez este convite! Mas o Senhor está bem atento ao cansaço dos seus discípulos missionários! Este cansaço pode apoderar-se não só dos padres, como dos variados servidores pastorais das nossas comunidades ou daqueles que fazem da ajuda e do cuidado dos outros a sua principal ocupação de vida.

2. Hoje fala-se muito da síndrome de *burnout*, que literalmente, significa, “queimar-se”, sentir-se em curto-circuito, como uma espécie de “terra queimada”, esvaziada de energia e potencialidade criativa, sem mais nada para dar. As causas podem ser diversas (cf. EG 82): uns por idealizarem projetos irrealizáveis e não viverem de bom grado o que se pode razoavelmente fazer; outros, por não aceitarem a custosa evolução dos processos e quererem que tudo caia do Céu; outros, por se agarrarem a sonhos de sucesso cultivados apenas pela sua vaidade; outros ainda, por não saberem esperar e quererem dominar o ritmo da vida. Em muitos casos, a ânsia de chegar a resultados imediatos faz com que padres e agentes pastorais, cuidadores e voluntários, não tolerem facilmente tudo o que signifique alguma contradição, um fracasso, uma crítica, uma cruz e assim se afundam neste esgotamento emocional, nesta síndrome do “*bom-samaritano desiludido*”.

3. Na verdade, a referida síndrome de *burnout* acontece na medida em que a pessoa, que se dá e cuida dos outros, põe o acento tónico no sucesso e no reconhecimento, mas descuida o mais importante: o sentido, o valor e o amor da sua entrega. Na verdade, “*quem anda no amor não cansa nem se cansa*” e por isso “*só o amor dá repouso. Aquilo que não se ama, cansa de forma má; e, com o*

passar do tempo, cansa de forma pior” (Papa Francisco, Homilia na Missa Crismal 2015). Na verdade, “o problema não está tanto no excesso de atividades, mas sobretudo nas atividades mal vividas, sem as motivações adequadas, sem uma espiritualidade que preencha a ação e a torne desejável. Daí que as obrigações cansem mais do que é razoável, e às vezes façam adoecer” (EG 82).

4. É por isso que Jesus, ao acolher os seus discípulos missionários não quer saber, em primeiro lugar, dos resultados obtidos, mas sobretudo do estado anímico e espiritual de cada um. É a pessoa que lhe interessa e não o fruto ou o produto do seu trabalho. Por isso, convida os seus discípulos missionários a descansar n’Ele, a fixarem-Se n’Ele, para não ficarem obcecados pelos êxitos ou fracassos. Há, na verdade, um cansaço mau e doentio, de que é preciso tratar-se, pedir ajuda, sem fugas nem rodeios. Mas há também um cansaço bom, que é precioso aos olhos de Jesus, que é como o incenso que sobe silenciosamente ao Céu. Neste caso, o nosso cansaço eleva-se diretamente ao coração de Jesus, que nos acolhe e faz levantar o ânimo, reiterando o convite a cada um: *“Vinde comigo para um lugar isolado e descansai um pouco” (Mc 6,31)!*

5. Irmãos e irmãs: se estamos *mortos de cansaço*, prostremo-nos então em adoração e digamos ao Senhor: *«Senhor, por hoje basta!»* O segredo da fecundidade do nosso serviço e da nossa entrega é também o modo como sabemos repousar no Senhor, passar-lhe *“a bata-quente”*, rendermo-nos nos nossos limites, pormo-nos nas Suas mãos e ficarmos sossegados no Seu colo. Desse modo, tanto padres como outros servidores pastorais ou mesmo outros cuidadores ou voluntários sociais, manifestamos a consciência de que todos somos ovelhas e todos temos necessidade do Pastor que cuide de nós. Ele está de coração aberto à nossa espera. Repousemos no Senhor! A entrada é grátis!

ORAÇÃO DOS FIÉIS - XVI DOMINGO COMUM B 2018

P. Senhor nosso Deus, que nos prometeste dar pastores segundo o Vosso coração, nós Vos confiamos as preces do vosso povo sacerdotal:

- 1.** Pelos pastores e demais servidores, que vivem com dificuldade, e na solidão, a sua missão: para que se sintam ajudados e confortados pela amizade com o Senhor e com os irmãos. Oremos ao Senhor¹.
- 2.** Por todos os que têm responsabilidade no concerto das nações: para que governem com sabedoria, exerçam o direito e a justiça, a fim de vivermos em segurança e Paz. Oremos ao Senhor.
- 3.** Pelos mais frágeis: para que encontrem em nós um olhar de compaixão, capaz de olhar, de abrir o coração e as mãos. Oremos ao Senhor.
- 4.** Pela nossa comunidade: para que seja lugar de oração, de repouso e de convívio familiar. Oremos ao Senhor.

P. Deus, Bom Pastor, acolhei as nossas preces e concedei-nos a graça de encontrar em vós o repouso por que aspira o nosso coração. Por Nosso Senhor...

¹ Inspirada na intenção de Oração do Papa para o mês de julho 2018

Prefácio Dominical VIII (Missal, p. 483) - **O.E.II** – ou – O.E. V/C com prefácio próprio (Missal, p. 1169).

Pai-Nosso:

P. Longe de Deus, Cristo Jesus abeirou-nos do Pai, num só Espírito. Somos a família de seus filhos reunidos em seu filho. Por isso ousamos dizer com toda a confiança...

Rito da Paz:

P. Cristo é, de facto, a nossa Paz. Nos braços abertos da cruz abraçou a humanidade inteira, desfez todas as barreiras e aproximou-nos uns dos outros.

Diácono: Saudai-vos na Paz de Cristo.

Comunhão

Depois da comunhão (opcional):

Exame de consciência para um verdadeiro repouso pastoral

1. Sei repousar, recebendo o amor, a gratidão e todo o carinho que me dá o povo santo de Deus? Ou, depois do serviço aos outros, procuro repouso mais refinados, que me oferece a sociedade de consumo?
2. O Espírito Santo é verdadeiramente, para mim, «repouso na fadiga»? Ou apenas Aquele que me faz trabalhar?
3. Sei pedir ajuda a outra pessoa, a um colega ou a um sacerdote experiente? Ou vivo encerrado em mim mesmo e no meu próprio mundo?

4. Sei repousar de mim mesmo, das minhas próprias expectativas, exigências, anseios e resultados?
5. Sei conversar com Jesus, com o Pai, com Maria, com os santos, para repousar nas suas exigências – que são suaves e leves – nas suas complacências – eles gostam de estar na minha companhia – e nos seus interesses e referências – só lhes interessa a maior glória de Deus?
6. Sei repousar dos meus inimigos, sob a proteção do Senhor? Vou argumentando, tecendo e ruminando repetidamente cá para comigo a minha defesa? Ou confio-me ao Espírito Santo que me ensina o que devo dizer em cada ocasião?
7. Preocupo-me e agito-me excessivamente? Ou encontro sereno repouso, dizendo como São Paulo: «*sei em quem acreditei*» (2 Tm 1, 12).

Adaptado de Papa Francisco, *Homilia na Missa Crismal*, 2015

Oração pós-comunhão

Bênção

Despedida

25 DICAS PRÁTICAS PARA O MELHOR VERÃO DE SEMPRE

*Pode propor-se antes da Despedida estas 25 ou apenas 10 (a **negrito** e a azul)*

#1. Põe o sono em dia: hiberna por um tempo, se for preciso.

#2. Põe o corpo em movimento: mexe-te, faz exercício físico, caminha.

#3. Faz um período de ‘detox’ digital: arrisca largar o telemóvel.

- #4. Aplica os sentidos aos prazeres simples de estar vivo.
- #5. Alimenta a tua mente com boas leituras.
- #6. Reserva tempo de qualidade com as pessoas e lugares que amas.**
- #7. Organiza passeios, jantares, jogos, brincadeiras, aventuras.
- #8. Visita amigos e familiares que têm ficado ‘esquecidos’.
- #9. Abre-te ao desconhecido: descobre novas pessoas, atividades, lugares.
- #10. Faz voluntariado: ajuda alguém; visita doentes, idosos, acamados.**
- #11. Visita-te: reserva tempo para ti, em silêncio ou meditação.**
- #12. Faz um retiro de silêncio ou uma peregrinação.
- #13. Conecta-te com a natureza e deixa-a cuidar de ti.
- #14. Aprende algo novo: inscreve-te num curso ou workshop
- #15. Faz um diário [gráfico ou escrito, de um tempo especial].
- #16. Agradece e faz um balanço do ano que passou.**
- #17. Larga aquele hábito que te tem prejudicado.
- #18. Conquista aquele novo hábito que andas a adiar.
- #19. Conecta-te com o teu propósito de vida.
- #20. Sonha o próximo ano: escreve as tuas intenções e objetivos.**
- #21. Desenha o calendário do próximo ano.**
- #22. Desenha o teu horário semanal.
- #23. Destralha o teu espaço vital: liberta, limpa, arruma.**
- #24. Saboreia tudo ao máximo e, se necessário, põe-te em câmara lenta.
- #25. Apaga esta lista e faz a tua própria ‘check-list’.**

João Delicado in <https://pontosj.pt/especial/25-dicas-para-o-melhor-verao-de-sempre/>

Diacono: Repousemos no Senhor! A entrada é grátis! Ide em Paz e que o Senhor vos acompanhe.

OUTROS TEXTOS E HOMILIAS

XVI DOMINGO COMUM B

PAPA FRANCISCO, ANGELUS, JULHO 2015

O Evangelho de hoje recorda-nos que, depois da experiência da missão, os Apóstolos voltaram felizes, mas também cansados. E Jesus, cheio de compreensão, deseja dar-lhes um pouco de alívio; então, retira-se com eles para um lugar deserto, a fim de que possam descansar um pouco (cf. Mc 6, 31). «Mas viram-nos partir e perceberam para onde iam... e assim precederam-nos» (v. 32). E nesta altura o evangelista oferece-nos uma imagem singularmente intensa de Jesus, «fotografando» por assim dizer os seus olhos e captando os sentimentos do seu Coração; assim diz o evangelista: «Ao descer da barca, Jesus viu uma grande multidão e compadeceu-se dela, porque eram como ovelhas sem pastor. E começou a ensinar-lhes muitas coisas» (v. 34).

Retomemos os três verbos deste fotograma sugestivo: **ver, sentir compaixão, ensinar**. Podemos denominá-los os verbos do Pastor. Ver, sentir compaixão, ensinar.

O primeiro e o segundo, ver e sentir compaixão, estão sempre associados na atitude de Jesus: com efeito, o seu olhar não é de um sociólogo, nem de um repórter fotográfico, porque ele vê sempre com «os olhos do coração». Estes dois verbos, ver e sentir compaixão, configuram Jesus como Bom Pastor. Também a sua compaixão não é apenas um sentimento humano, mas constitui a comoção do Messias, em quem se fez carne a ternura de Deus. É desta compaixão que nasce o desejo de Jesus, de alimentar a multidão com o pão da sua Palavra, ou seja, de ensinar a Palavra de Deus ao povo. Jesus vê, Jesus sente compaixão, Jesus ensina-nos. Isto é bonito! Façamos o mesmo.

EXCERTOS DA HOMILIA DO PAPA SOBRE O CANSAÇO DOS SACERDOTES

– MISSA CRISMAL 2015

1.º tipo de cansaço: Temos aquele que podemos chamar «o cansaço do povo, o cansaço das multidões»: para o Senhor, como o é para nós, era desgastante – di-lo o Evangelho – mas é um cansaço bom, um cansaço cheio de frutos e de alegria. O povo que O seguia, as famílias que Lhe traziam os seus filhos para que os abençoasse, aqueles que foram curados e voltavam com os seus amigos, os jovens que se entusiasmavam com o Mestre... Não Lhe deixavam sequer tempo para comer. Mas o Senhor não Se aborrecia de estar com a gente. Antes pelo contrário, parecia que ganhava nova energia (cf. *Evangelii gaudium*, 11). Este cansaço habitual no meio da nossa atividade é uma graça que está ao alcance de todos nós, sacerdotes (cf. *ibid.*, 279). Como é belo tudo isto: o povo amar, desejar e precisar dos seus pastores! O povo fiel não nos deixa sem atividade direta, a não ser que alguém se esconda num escritório ou passe pela cidade com vidros escuros. E este cansaço é bom, é um cansaço saudável. É o cansaço do sacerdote com o cheiro das ovelhas, mas com o sorriso de um pai que contempla os seus filhos ou os seus netinhos. Isto não tem nada a ver com aqueles que conhecem perfumes caros e te olham de cima e de longe (cf. *ibid.*, 97). Somos os amigos do noivo: esta é a nossa alegria. Se Jesus está apascentando o rebanho no meio de nós, não podemos ser pastores com a cara azeda ou melancólica, nem – o que é pior – pastores enjoados. Cheiro de ovelhas e sorriso de pais... Muito cansados, sim; mas com a alegria de quem ouve o seu Senhor que diz: «Vinde, benditos de meu Pai!» (Mt 25, 34).

2.º tipo de cansaço: Existe depois aquele que podemos chamar «o cansaço dos inimigos». O diabo e os seus sectários não dormem e, uma vez que os seus

ouvidos não suportam a Palavra de Deus, trabalham incansavelmente para a silenciar ou distorcer. Aqui o cansaço de enfrentá-los é mais árduo. Não se trata apenas de fazer o bem, com toda a fadiga que isso implica, mas é preciso também defender o rebanho e defender-se a si mesmo do mal (cf. *Evangelii gaudium*, 83). O maligno é mais astuto do que nós e é capaz de destruir num instante aquilo que construímos pacientemente durante muito tempo. Aqui é preciso pedir a graça de aprender a neutralizar (é um hábito importante: aprender a neutralizar): neutralizar o mal, não arrancar a cizânia, não pretender defender como super-homens aquilo que só o Senhor deve defender. Tudo isto nos ajuda a não deixarmos cair os braços à vista da espessura da iniquidade, frente à zombaria dos malvados. Eis a palavra do Senhor para estas situações de cansaço: «Tende confiança! Eu já venci o mundo» (Jo 16, 33). E esta palavra dar-nos-á força.

3. Terceiro tipo de cansaço: E, por último há também «o cansaço de nós próprios» (cf. *Evangelii gaudium*, 277). É talvez o mais perigoso. Diversamente, este cansaço é mais auto-referencial: é a desilusão com nós mesmos, mas sem a encararmos de frente, com a alegria serena de quem se descobre pecador e carecido de perdão, de ajuda; é que, neste caso, a pessoa pede ajuda e segue em frente. Trata-se do cansaço que resulta de «*querer e não querer*», de ter apostado tudo e depois pôr-se a chorar pelos alhos e as cebolas do Egípto, de jogar com a ilusão de sermos outra coisa qualquer. Gosto de lhe chamar o cansaço de «fazer a corte ao mundanismo espiritual». E, quando uma pessoa fica sozinha, dá-se conta de quantos setores da vida foram impregnados por este mundanismo e temos até a impressão de que não há banho que o possa lavar. Aqui pode haver um cansaço mau. A palavra do Apocalipse indica-nos a causa deste cansaço: «Tens constância, sofreste por causa de Mim, sem te

cansares. No entanto, tenho uma coisa contra ti: abandonaste o teu primeiro amor» (2, 3-4). Só o amor dá repouso. *Aquilo que não se ama, cansa de forma má; e, com o passar do tempo, cansa de forma pior.*

Homilia no XVI Domingo Comum B 2015

Repouso e compaixão. São os dois movimentos do evangelho deste domingo, que nos ensinam a viver este tempo de férias e a preparar o próximo ano, que será, marcado, a partir do dia 8 de dezembro, pelo Jubileu da misericórdia.

Primeiro, o repouso: *«Vinde comigo para um lugar isolado e descansai um pouco»* (Mc.6,31).

Jesus mostra aos seus discípulos uma ternura semelhante à de uma mãe. O olhar de Jesus recolhe o cansaço, o desfalecimento, a fadiga dos seus. Para Ele, antes de tudo vem a pessoa; não os resultados obtidos, mas a harmonia, a saúde profunda do coração. Jesus parece dizer-te: *“Mais do que os teus êxitos, do que as tuas notas, do que os resultados do teu trabalho, importa-me saber como estás. Mais do que aquilo que fazes, interessa-me aquilo que és”*. Por isso, Jesus não pede aos Doze, para irem pregar e preparar novas missões, mas para reservarem um pouco de tempo para eles, tempo para viver. É um gesto de amor, de alguém que quer o seu bem e os quer felizes. Um saudável ato de humildade, na consciência de que não somos nós a salvar o mundo, que as nossas vidas são delicadas e frágeis, as nossas energias são limitadas. E o repouso é a nossa salvação. Por isso, *“se queres fazer bem todas as coisas, de vez em quando deixa de fazê-las”* (Santo Ambrósio). O descanso não é o tempo do estéril e do inútil, do não fazer nada. É o tempo de nos deixarmos refazer, de nos deixarmos recriar. O repouso, nomeadamente ao domingo, *“é-nos oferecido, como dia de cura das nossas relações com Deus, connosco próprios, com os outros e com o mundo”* (LS 237).

Segundo: A compaixão: «Ao desembarcar, viu uma grande multidão e teve compaixão deles» (Mc.6,34).

A primeira coisa que Jesus oferece às pessoas é a compaixão, o movimento do coração que leva a mão a agir. Jesus sabe bem que não é a dor, que anula em nós a esperança, não é a morte, mas é o estar sem consolo. *“Em todas as circunstâncias, o que movia Jesus era apenas a misericórdia, com a qual lia o coração dos seus interlocutores e dava resposta às necessidades mais autênticas que tinham”* (MV 8). Precisamos de aprender de Jesus o Seu olhar de comoção e ternura, seguido por palavras e gestos concretos.

Neste tempo assim, de pousio pastoral, aproveitemos a beleza e a harmonia da criação, para descansar um pouco. Sejamos capazes de parar e arranjar tempo para pensar, ler, rezar, rir, dar, amar e ser amável com os outros. No fundo, o programa é simples: nestas férias, reservemos tempo para viver!

HOMILIA NO XVI DOMINGO COMUM B 2012

1. *“Vinde, retiremo-nos para um lugar solitário, e descansai um pouco”* (Mc.6,31)! É radiante encontrar-se com este Jesus, que sabe compreender as necessidades mais profundas do ser humano: o desfrutar a beleza da vida, o fazer a festa do encontro, o gozar das maravilhas de Deus, através da criação inteira. Por isso nos enche a alma de alegria, ao ouvir o convite que Jesus dirige aos doze e a nós, que chegámos ao fim de um ano de trabalho: *«Vinde, retiremo-nos para um lugar solitário, e descansai um pouco»*. Parece, mas não é uma frase apelativa de um qualquer cartaz turístico. O destino deste descanso é o próprio coração de Cristo! É Ele o lugar de repouso, onde a nossa vida desfeita se refaz!

2. Na verdade, somos muitos os que vivemos submetidos a um trabalho que nos vai desgastando. Submetido durante todo o ano a ritmos que não são os seus, aturdido por ruídos, maltratado por uma alimentação negligente, stressado pela falta de sono, o nosso corpo aspira por reencontrar a sua liberdade, harmonia e beleza. Deus, que no-lo confiou, espera que cuidemos verdadeiramente dele. Por isso, ao chegar o verão, todos procuramos, duma maneira ou doutra, um tempo de descanso que nos ajude a libertar-nos da tensão, da angústia e do desgaste que fomos acumulando ao longo dos dias! E esse poderá muito bem ser o nosso primeiro dever das férias. Uma tarefa que exigirá atenção e delicadeza e que, longe de ser uma preocupação egoísta, nos abrirá a relações mais abertas e francas com Deus e com os outros.

3. Mas, o que é descansar? É suficiente recuperar as nossas forças físicas, apanhando sol, horas e mais horas, nas areias de qualquer mar? Basta esquecer os nossos problemas e conflitos, mergulhando no ruído das nossas festas e arraiais? Ao regressar de férias, muitos têm a sensação interior de que as

perderam. É que, também nas férias, podemos cair na tirania da agitação, do ruído, da superficialidade e da ansiedade, do gozo fácil e esgotante. Temos necessidade urgente de nos iniciarmos na arte do verdadeiro descanso! Um descanso, que não seja uma simples pausa laboral, mas oportunidade para reler a vida, inventando outros caminhos. Um descanso que não seja simples quebra de rotina, mas mergulho no coração de Deus, para recuperar a harmonia interior e cuidar das raízes da vida.

4. Para isso, precisamos de nos encontrarmos profundamente connosco mesmos, de procurarmos o silêncio, a calma e a serenidade, para escutar o melhor que há dentro de nós e à nossa volta. Precisamos de redescobrir a natureza, contemplar a vida que brota perto de nós. Precisamos de pararmos diante das coisas pequenas e das pessoas simples e boas. Precisamos de recordar que o sentido último da vida não se esgota no esforço, no trabalho e na luta. Pelo contrário, revela-se-nos com mais clareza, na festa, na alegria partilhada, na amizade e na convivência fraterna. Mas precisamos, sobretudo, de enraizar a nossa vida neste Deus «amigo da vida», fonte do verdadeiro e definitivo descanso! Poderá, alguma vez, descansar o coração do ser humano, sem se encontrar com Deus?

5. Aprendamos, pois, a fazer férias de outra maneira. Para recuperar de novo a vida, não basta visitar novos países, descobrir paisagens desconhecidas ou entabular novas amizades! A novidade deve vir de dentro para fora e não de fora para dentro! Há, na verdade, um descanso que só se pode encontrar, no mistério de Deus, acolhido no nosso coração e seguindo os passos de Jesus e na sua companhia! É Ele o paraíso das nossas férias de sonho! E parece dizer-nos, com sentido novo: «Este ano, vá para fora cá dentro»...

À comunhão:

Dá-nos, Senhor,
depois de todas as fadigas
um tempo verdadeiro de paz.

Dá-nos,
depois de tantas palavras
o dom do silêncio
que purifica e recria.

Dá-nos,
depois das insatisfações que travam
a alegria como um barco nítido.

Dá-nos,
a possibilidade de viver sem pressa,
deslumbrados com a surpresa
que os dias trazem pela mão.

Dá-nos
a capacidade de viver de olhos abertos,
de viver intensamente.

Dá-nos
de novo a graça do canto,
do assobio que imita

a felicidade aérea
dos pássaros,
das imagens reencontradas,
do riso partilhado.

Dá-nos
a força de impedir que a dura necessidade
esmague em nós o desejo
e a espuma branca dos sonhos
se dissipe.

Faz-nos peregrinos que no visível
escutam a melodia secreta
do invisível.

José Tolentino Mendonça

Homilia no XVI Domingo Comum B 2009

1. “Os apóstolos voltaram para junto de Jesus e contaram-lhe tudo o que tinham feito e ensinado” (Mc.6,30). Chegam da “primeira missão” e prestam contas do seu trabalho. Jesus lê-lhes nos olhos curtos o cansaço da longa jornada. E quer aliviá-los das tarefas urgentes, para um necessário e merecido repouso: «*Vinde comigo para um lugar isolado e descansai um pouco*» (Mc.6,31). A Jesus pareceu mais importante, fazer cada um dos Apóstolos parar, rever, reflectir, para tomar o pulso da sua vida pelo ritmo do seu coração de Pastor, do que atender todas as pessoas, estar em todos os sítios e satisfazer todos os pedidos... ainda que depois, assediado pela multidão, Ele próprio deixe o repouso e se detenha a *ensinar demoradamente* (Mc.6,34). A prioridade pastoral é a Compaixão, a Palavra e a Comunhão!

2. Não quero fugir ao julgamento da Palavra deste Domingo, que me atinge especialmente a mim, enquanto Pastor (cf. Jer.23,1-6), no final deste primeiro ano pastoral convosco. Além do mais, estes são precisamente os textos da celebração da minha Missa Nova, há dezoito anos e, que, por essa mesma razão, continuam a interpelar-me vivamente. Sinto-me interpelado pela Palavra de Deus, a discernir entre o urgente e o importante, entre o trabalho e o descanso, para que o meu ministério sacerdotal não se reduza ao cumprimento habitual de tarefas urgentes; mas tenha a densidade e a simplicidade do amor do pastor, segundo o coração de Cristo, que se compadece e vê o essencial.

3. Agora, com a Missão 2010 à porta, e em pleno Ano Sacerdotal, para que cada um saiba qual há-de ser o meu lugar de padre e qual o lugar que pertence aos leigos, no serviço à mesma Igreja, gostaria de resumir em dez teses simples o

que considero realmente importante, para mim, no exercício do meu ministério: (cf. W. BREUNING – K. HEMMERLE, Trad. GISBERT GRESHAKE, *Ser Padre*, Ed. Sigueme, Salamanca 1995, 238):

1. É mais importante o modo como vivo, enquanto padre, do que aquilo que faço como padre;
2. É mais importante o que Cristo faz em mim, do que aquilo que eu próprio faço;
3. É mais importante viver a unidade no presbitério, do que entregar-me sozinho a uma tarefa;
4. É mais importante o serviço da Oração e da Palavra, que o serviço das mesas, o cuidado da administração e da manutenção da casa e das coisas;
5. É mais importante acompanhar espiritualmente os colaboradores, do que fazer, por si só, todo o trabalho possível;
6. É mais importante estar sem reservas, nalgumas actividades, do que estar à pressa e a meias em todas;
7. É mais importante actuar em unidade, do que actuar na perfeição, mas isoladamente. Portanto, é mais importante a colaboração do que o trabalho, a comunhão do que a acção;
8. É mais importante, porque mais fecunda, a cruz do que a eficácia;
9. É mais importante a abertura à totalidade (à comunidade, à diocese à Igreja Universal) do que o interesse particular, por muito importante que ele seja;
10. É mais importante dar a todos testemunho de fé do que satisfazer todos os compromissos habituais;

4. Como vedes, precisamos todos, eu e vós, de dormir bastante sobre o assunto e de ouvir mais o travesseiro, para não *voltar à carga*, com as baterias espirituais por carregar.

Levemos todos a sério o convite de Jesus: “*Vinde comigo para um lugar isolado e descansai um pouco*” (Mc.6,31). O seu coração é o destino mais seguro, o porto de abrigo mais sossegado, para umas férias de Verão, em Paz e com Deus ao fundo!

Homilia no XVI Domingo Comum B 2003

«Vinde comigo para um lugar isolado e descansai um pouco».

1. Boas palavras as do Mestre. Para aprendizes de Pastor, a Ele chegados e cansados, ao cabo da sua primeira experiência missionária. E são palavras boas para quem chega “*todo partido*”, ao fim de mais um ano laboral, escolar ou pastoral.

O próprio Jesus, de vez em quando, afastava-se das suas muitas ocupações. Era como se regressasse a casa. No seu colóquio pessoal e silencioso encontrava as palavras que depois diria ao seu povo (Jo.8,26); compreendia melhor a sua missão; recuperava as forças para enfrentar o novo dia. E Jesus quer que também nós façamos o mesmo: **«Vinde comigo para um lugar isolado e descansai um pouco».**

2. Parar não é fácil. Às vezes somos apanhados pelo turbilhão do trabalho e das actividades, como por uma engrenagem de que se perdeu o controlo. A sociedade impõe-nos, muitas vezes, um ritmo de vida frenético: produzir cada vez mais, subir na carreira, ser o primeiro... Não é fácil enfrentar a solidão e o silêncio, fora e dentro de nós. No entanto, são condições necessárias para escutar a voz de Deus, para confrontar a nossa vida com a Sua Palavra, para cultivar e aprofundar o relacionamento de amor com Ele. E, deste modo, chegar às raízes da nossa vida. Sem isso, arriscamo-nos a andar à deriva e a nossa grande azáfama pode tornar-se inútil.

Porque se é verdade que somos chamados a dar, a amar, a servir, a trabalhar, enfim, a frutificar, também é verdade, que é preciso cuidar das raízes, ou seja, da nossa vida interior da união com Deus, do nosso amor pessoal a Ele. Pois é das raízes que a árvore tira a vida e frutifica. Daí a necessidade de períodos - mesmo se breves - de descanso físico e mental, até para evitar o stress. Às vezes pode parecer-nos uma perda de tempo. Mas, também nisto, temos que ter confiança no convite de Jesus: **«Vinde comigo para um lugar isolado e descansai um pouco»**.

3. Este convite é feito a todos. Mas numa altura em que a Paróquia se abalança para novos desafios, convido especialmente os fiéis e colaboradores da vida pastoral a não perderem, nas férias, o fio da sua relação com Deus e com a comunidade. Bem pelo contrário, façam das férias ocasião para aprofundarem a amizade com Jesus, para reverem o trabalho feito na Igreja, de modo a reforçarem energias e depois aparecerem, de novo, para serem enviados.

De facto, - podeis crer - o melhor descanso é arranjar tempo para “estar” com Jesus, viver em graça, no amor, deixando-se plasmar e guiar pela sua Palavra. Especialmente antes da oração e antes da Missa - momentos privilegiados para “estarmos com Ele” - é conveniente desapegarmo-nos de tudo, descansar um pouco, concentrar-nos e entrar no segredo e no silêncio do nosso quarto interior (Mt.6,6).

4. Penso, ainda assim e apesar de tudo, como este convite ao descanso pode ser uma provocação para quantos, neste tempo de férias, terão de trabalhar ainda mais, sobretudo no turismo, para salvar a economia da família ou a vida da empresa de um ano difícil, de grande contenção. Penso também nos que

não podem ter férias, por razões económicas, de falta de saúde, de deficiente apoio familiar, de compromissos inadiáveis.

A todos vos quero dizer: Mesmo quando não nos for possível afastarmo-nos do barulho e do turbilhão do mundo que nos circunda, podemos ir até ao fundo do coração, à procura de Deus, e Ele está sempre lá. Às vezes, basta dizer: «*É por ti, Jesus*», antes de cada actividade ou de um encontro.

Também este é um modo de nos retirarmos um pouco e dar a tudo um motivo, um timbre ou um sentido sobrenatural. Então, começaremos de novo, voltaremos fortalecidos à nossa actividade, em casa, no trabalho ou na Igreja, e amaremos e serviremos com um maior impulso. Descansem. Mas não percam tempo!

Homilia inspirada na Palavra de Vida, de Chiara Lubich, para este mês de Julho.

Homilia no XVI Domingo Comum B 2000

1. Chegam da primeira missão e os Apóstolos prestam contas do seu trabalho. Do que fizeram e ensinaram. Jesus lê-lhes nos olhos curtos o cansaço da longa jornada. E quer aliviá-los das tarefas urgentes, para um necessário e merecido repouso: *«Vinde comigo para um lugar isolado e descansai um pouco»*. Parecia, de facto, mais importante a Jesus, fazer cada um dos Apóstolos parar, rever, reflectir... tomar o pulso da sua vida pelo ritmo do seu coração de Pastor, do que atender todas as pessoas, estar em todos os sítios e satisfazer todos os pedidos... ainda que depois, assediado pela multidão, deixe o repouso e se detenha a ensinar demoradamente. A prioridade é a Compaixão, a Palavra e a Comunhão!

2. Não quero fugir ao julgamento desta Palavra, que me atinge especialmente, enquanto Pastor. Continua a ser de veras difícil para mim discernir, na vida pastoral, o urgente e o importante. Reuniões, Confissões e Aconselhamento, Celebrações e Festas, gestão da casa e tempo da escrita, telefone e computador, visitas familiares e sociais, correspondência e ação cultural, Oração e Pregação, obras e projetos, convívios e Formação... fazem o dia a dia da minha (nossa) vida pastoral. Mas sendo cada vez mais o trabalho e cada vez menos os padres, a pergunta, no meio de tudo isto é esta: **o que é realmente importante, uma vez que tudo nos parece urgente?** *Se eu permitir que as coisas urgentes dominem o meu dia, nunca chegarei a fazer o que é realmente importante e sentir-me-ei insatisfeito. Eis porque tenho de discernir*

constantemente entre o urgente e o importante”², para que o meu ministério não se reduza ao cumprimento habitual de tarefas urgentes; mas tenha a densidade e a simplicidade do amor, que vê o essencial.

3. E o essencial do ministério do Padre será atrair e formar discípulos de Cristo, ensinando. Acompanhá-los numa caminhada de fé, fortalecê-los nas dificuldades, perdoar-lhes as fraquezas, prepará-los para a missão, reuni-los para celebrar a Páscoa da Eucaristia e lançá-los no campo imenso da construção do Reino... E depois ter tempo para dar conta disto, (disto e de vós!), a Cristo, Mestre e Pastor, na intimidade da Oração!

4. Caríssimos: Habituai-vos a pedir aos padres aquilo que só eles vos podem dar: o dom inaudito da força santificadora de Cristo. E não me peçais aquilo que eu não vos posso dar; não peçais aos padres aquilo que vós podeis fazer... E já agora, dai-me (nos) alguns dias de férias! Que são uma coisa realmente importante, até para perceber que muitas outras não são assim tão urgentes!...

DEZ TESES SOBRE A FORMA DA VIDA SACERDOTAL³

1. É mais importante o modo como vivo, enquanto padre, do que aquilo que faço como padre;
2. É mais importante o que Cristo faz em mim, do que aquilo que eu próprio faço;

² H. NOUWEN, *A caminho de Daybreak*, Ed. Paulinas 1999, 130.

³ A Homilia, a partir do ponto 3, podia continuar com este texto. Dizendo: “Eis o que considero e gostaria que considerásseis comigo realmente importante”...

3. É mais importante viver a unidade no presbitério do que entregar-me sozinho a uma tarefa;
4. É mais importante o serviço da Oração e da Palavra, que o serviço das mesas;
5. É mais importante acompanhar espiritualmente os colaboradores do que fazer, por si só, todo o trabalho possível;
6. É mais importante estar sem reservas nalguns pontos do que estar à pressa e a meias em todos;
7. É mais importante actuar em unidade, que actuar na perfeição, mas isoladamente. Portanto, é mais importante a colaboração do que o trabalho, a comunhão do que a acção;
8. É mais importante, porque mais fecunda, a cruz do que a eficácia;
9. É mais importante a abertura à totalidade (comunidade, diocese Igreja Universal) do que o interesse particular, por muito importante que ele seja;
10. É mais importante dar testemunho de fé a todos do que satisfazer todos os compromissos habituais;

W. BREUNING – K. HEMMERLE

Trad. GISBERT GRESHAKE, *Ser Padre*,

Ed. Sigueme, Salamanca 1995, 238.

Homilia no XVI Domingo Comum B 1997

1. *Vinde e descansai!* Podia esta até ser uma frase apelativa de um qualquer cartaz turístico ou um chamariz para uma louca aventura de fim-de-semana. Ou o lema de umas férias inesquecíveis. Mas não. O destino deste descanso não é nenhuma despida praia do Sul nem tão pouco uma bem coberta sombra das montanhas do Norte. É o próprio coração de Cristo, o lugar deste repouso. O destino deste encontro.

Vinde comigo, diz Jesus. Com Ele, portanto. Na sua companhia, ao abrigo da sua presença, ao calor da sua amizade. *O lugar isolado...* para criar distância, ouvir melhor, ver mais longe. A hora é de *intimidade*, de *segredo*, de *partilha* de sucessos e fracassos, de *comunhão* de experiências vividas, de *revisão* de passos perdidos e encontrados. A hora é de *verdade*: e eles, os apóstolos, *contaram-lhe tudo o que tinham feito e ensinado*. Não movidos pela preocupação de apresentar cada qual o saldo mais positivo. Querem é deitar contas à Vida e confiar ao Senhor o que d'Ele veio e a Ele pertence.

2. Férias não são o luxo merecido de nenhum esforço. Mas o repouso sossegado de um corpo liberto e o reconforto sentido de uma alma consolada. Não podem as férias ser um parêntesis na vida, em que despimos por uns dias o *hábito* de homens a sério, para vestirmos a pele de gente libertina. Bem ao contrário, importaria escolher um lugar isolado (o segredo do quarto, as vistas da varanda, a frescura do quintal, a brisa do rio, as ondas do mar, o silêncio da Igreja) para criar distância em relação ao passado, para ver, sem as pressas de sempre, o que realmente fizemos e ensinamos, o que vivemos e crescemos, por onde andámos, donde vimos... para onde vamos.

Talvez seja o momento de olhar serenamente, sem medo e sem desculpas, para o diário da Vida que escrevemos. E fazê-lo com Cristo, em Verdade, sem passar ao lado, sem omitir nada, contando tudo.

3. O livro dos Evangelhos no bolso, ou um livro de meditação à cabeceira, darão muito jeito. E na mesa da Eucaristia, agora mais procurada e mais vivida, Jesus, o Pastor, nos levará a descansar em verdes prados... e nos conduzirá às águas refrescantes.

Boas férias

Homilia no XVI Domingo Comum B 1994

«*Vinde comigo para um lugar isolado e descansai um pouco*»! Eis o convite de Jesus ao descanso, a uma pausa de intimidade com Ele, quando à volta tudo é movimento e agitação. «*De facto, havia sempre tanta gente a chegar e a partir que eles nem tinham tempo de comer*»!

No seu profundo desejo de chegar a Jesus, a multidão quase impede os discípulos de estar com o Mestre, de privar com Ele uma experiência serena de amizade, de reconforto, de restauro de energias gastas, até de estar juntos à mesa. Mas *Jesus e os discípulos partiram para um lugar isolado, sem mais ninguém!* E o mais curioso é que essa oportunidade de descanso, de partilha e revisão de vida no grupo dos discípulos, esbarra de novo com a multidão que os persegue e se impõe nas suas necessidades. «*Jesus viu grande multidão e compadeceu-se de toda aquela gente, que eram como ovelhas sem pastor*». O descanso de Jesus e do grupo está assim condicionado pela atenção e pelo serviço à multidão dispersa.

O descanso dos discípulos não é não fazer nada. É, antes, uma experiência de paz e uma pausa de intimidade com Jesus, para fortalecer a relação com o Mestre. É nesse «*estar com Jesus*» que os discípulos hão de encontrar novas energias de Paz, a comunicar à multidão.

Somos na verdade, a maior parte das vezes, retrato desta multidão dispersa em movimento, sem norte. Sem tempo para parar, sem pausas para rever, sem silêncio para ouvir, sem espaço para os outros, vivemos dispersos, sem unidade interior, agitados e gastos, perdidos sem horizonte, numa vida sem sabor. E o

pior é que arriscamo-nos a fazer também deste tempo de férias uma espécie de vingança de tudo o que não temos durante o ano. E raramente o que se descansa em férias compensa o que se trabalha para as pagar. De tal modo nos viciamos na agitação, que acontece de terminarmos as férias mais cansados que no seu princípio. Precisamos então de aprender a viver de maneira mais criativa e cristã este apelo e esta necessidade de descanso. Deixo, por isso, algumas propostas simples para umas férias diferentes:

Descansa! Sim. Mas que saibas respirar no ar da floresta, na brisa do mar ou do rio, o Espírito de Deus que preenche o mundo. Pára para acolheres nas maravilhas da natureza, o mistério de Deus. Olha para dentro de ti e nos segredos do teu coração procura serenamente a presença amiga de Deus. Só em Deus, encontrarás o repouso à medida do teu coração inquieto. Só Ele te leva a descansar em verdes prados e te conduz às águas refrescantes...da verdadeira Vida!

Descansa! Sim. Mas olha que a Paz não tem lugares importantes, escolhidos pelas agências de viagens. A Paz que procuras é Cristo Jesus, a palavra de amor do Pai, o Senhor da tua Vida, que te abre aos outros. Aceita um diálogo íntimo com Ele, sem pressas nem barulhos nem palavras a mais. Experimentarás uma tranquilidade jamais vivida. Só Ele reconforta a tua alma!

Descansa! Sim. Mas não durmas esquecido de toda a gente, deslizando isolado no teu mundo de prazer. Pára para olhares os outros, para os escutares, para aprenderes, para partilhares. Para estares...simplesmente! No turista que passa, aprende a acolher a diferença, desfaz barreiras de raça, de cor e de língua, faz comunhão no teu olhar de ternura e no teu sorriso largo e pronto.

Descansa! Sim! Mas não mergulhes em falsos infinitos ou em superlativos do mais belo e do mais emocionante, como se, de repente, arrebatasses só para ti o Céu inteiro. Não procures fora de ti a Paz que só em Ti podes encontrar!

Faz das férias um passaporte para a Paz! Com Cristo, o Pastor que te leva a descansar em verdes prados e reconforta a tua alma!

Monições – Rádio

Entrada: *Vinde comigo e descansai.* Eis o convite de Jesus ao descanso, a uma pausa de intimidade com Ele, quando à volta tudo é movimento e agitação. O descanso dos apóstolos não é não fazer nada. É, antes, uma experiência de paz e uma pausa de intimidade com Jesus, para fortalecer a relação com o Mestre. É nesse «estar com Jesus» que os discípulos hão-de encontrar novas energias de Paz, a comunicar à multidão.

Somos na verdade, a maior parte das vezes, retrato desta multidão dispersa em movimento, sem norte. Sem tempo para parar, sem pausas para rever, sem silêncio para ouvir, sem espaço para os outros, vivemos dispersos, sem unidade interior, agitados e gastos, perdidos sem horizonte, numa vida sem sabor.

O facto de pararmos e de virmos até aqui, em Eucaristia é um exercício de libertação para o repouso na comunhão com Cristo.

Preside a esta celebração e directamente da Igreja de , , o pároco, Pe...

1ª Leitura: O exemplo mau de pastores maus é denunciado por Deus com a promessa do Bom Pastor.

2ª Leitura: A partir da experiência da ressurreição de Cristo e da prática das comunidades cristãs, o autor pode afirmar: Cristo fez de ambos os povos um só.

Evangelho: Depois da missão, os discípulos (chamados aqui «apóstolos») voltam a Jesus. Para descansar, para rezar...

Depois da Homilia: O descanso. Utilidade e formas. A exemplo de Jesus, o Bom Pastor.

Ofertório: Bom momento este para apresentar os frutos do nosso trabalho, ao longo desta semana. Assim a Eucaristia se torna celebração da nossa Vida em Cristo, celebração de Cristo na nossa Vida.

Comunhão: «Ao sair da barca, Jesus viu uma grande multidão e encheu-se de compaixão deles, porque eram como ovelhas sem pastor, e começou a ensiná-lhes muitas coisas». Isto, sim, é ter compaixão dos pobres e daqueles que não têm pastor: mostrar-lhes o caminho da verdade com o ensinamento; libertá-los das doenças corporais com a cura, mas, também, impeli-los a louvar a sublime liberalidade do Senhor restaurando os famintos.

As palavras que se seguem sublinham precisamente que Ele fez tudo isto. Põe à prova a fé das multidões e, depois de a ter provado, recompensa-a com um prémio condigno. Com efeito, ao procurar um lugar isolado, quis ver se as multidões o queriam ou não seguir. Elas seguem-no e, fazendo a viagem até ao deserto não em montadas ou de carro, mas com a fadiga dos seus pés, demonstram em que conta têm a sua salvação.

E Jesus, como Quem pode, e é Salvador e Médico, dá a entender quanta consolação receba do amor daqueles que nele acreditam, acolhendo os

extenuados, ensinando os ignorantes, sarando os enfermos e restaurando os famintos.

(S. Beda, o Venerável, Com. in Ev. Mc. 2, 6, 31)

Final: Férias não são o luxo merecido de nenhum esforço. Mas o repouso sossegado de um corpo liberto e o reconforto sentido de uma alma consolada. Não podem as férias ser um parêntesis na vida, em que despimos por uns dias o *hábito* de homens a sério, para vestirmos a pele de gente libertina. Bem ao contrário, importaria escolher um lugar isolado (o segredo do quarto, as vistas da varanda, a frescura do quintal, a brisa do rio, as ondas do mar, o silêncio da Igreja) para criar distância em relação ao passado, para ver, sem as pressas de sempre, o que realmente fizemos e ensinamos, o que vivemos e crescemos, por onde andámos, donde vimos... para onde vamos. Talvez seja o momento de olhar serenamente, sem medo e sem desculpas, para o o diário da Vida que escrevemos. E fazê-lo com Cristo, em Verdade, sem passar ao lado, sem omitir nada, contando tudo.

Repouso e compaixão

Era tanta gente que nem tinham tempo para comer. Jesus mostra aos seus discípulos uma ternura semelhante à de uma mãe: Vamos e descansemos um pouco. O olhar de Jesus recolhe o cansaço, o desfalecimento, a fadiga dos seus. Para ele, antes de tudo vem a pessoa; não os resultados obtidos mas a harmonia, a saúde profunda do coração.

E quando sai do barco e vê uma grande multidão, o seu primeiro olhar pouosa, como sempre no Evangelho, na pobreza dos homens e não sobre as suas ações ou sobre o seu pecado. Mais do que aquilo que se faz, a ele interessa aquilo que se é: não pede aos doze para irem pregar e preparar novas missões, mas reservarem um pouco de tempo para eles, tempo para viver. É um gesto de amor, de alguém que quer o seu bem e os quer felizes. Um saudável ato de humildade, na consciência de que não somos nós a salvar o mundo, que as nossas vidas são delicadas e frágeis, as energias limitadas.

Jesus ensina uma dupla estratégia: fazer as coisas como se tudo dependesse de nós, com empenho e dedicação; e depois fazê-las como se tudo dependesse de Deus, com prontidão e confiança. Fazer tudo o que está em ti e depois deixar fazer tudo a Deus.

Um detalhe: «Vinde, retiremo-nos». Estar com Jesus para aprender dele o coração de Deus. Voltar depois à multidão, levando consigo um santuário de beleza que só Deus pode acender. Mas algo coisa muda as suas intenções: «*Ao desembarcar, viu uma grande multidão e teve compaixão deles*». Fixemos esta palavra, bela como um milagre, como fio condutor: a compaixão. Jesus muda os seus planos, mas não os dos seus amigos. Renuncia ao seu descanso, não ao deles. E a primeira coisa que oferece às pessoas é a compaixão, o movimento do coração que leva a mão a agir.

Jesus oferece o primeiro ensinamento: “como olhar”, antes mesmo de como falar; o olhar de comoção e ternura será seguido por palavras e gestos. Quando aprendes o sentimento divino da compaixão o mundo implanta-se na tua alma. Se te comoveres pelo último homem, esse homem terá um futuro.

Jesus sabe que não é a dor que anula em nós a esperança, não é a morte, mas estar sem consolo. Façamos de modo a não privar o mundo da nossa compaixão, conscientes de que «o que podemos fazer é só uma gota no oceano, mas é essa gota que pode dar significado a toda a nossa vida» (Teresa de Calcutá).

Ermes Ronchi *In Avvenire*